

Dalila L. Pereira da Costa, uma mística ecuménica, portuguesa e portuense*

Ângelo Alves**

1. Introdução

O penúltimo número da revista *Nova Águia*, do segundo semestre de 2012, contém uma homenagem a várias figuras do meio filosófico e literário portuense, por motivo de alguma efeméride que lhes dizia respeito. Entre elas encontra-se Dalila Lello Pereira da Costa, em razão do seu falecimento no mês de março anterior.

O dossiê que lhe foi dedicado integra o maior número de colaboradores – catorze ao todo –, dando à sua intervenção um carácter ora mais biográfico e de testemunho pessoal, ora mais analítico e hermenêutico sobre uma obra ou sobre algum tema do seu pensamento.

* Texto de apresentação do seguinte livro: Joaquim da Silva Teixeira, *A Experiência Mística na Obra de Dalila Pereira da Costa*, Maia: Cosmorama Edições, 1913, 256 pp. A apresentação ocorreu em 3 de maio de 2013, na Universidade Católica Portuguesa – Porto.

** Professor associado jubilado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

A mais extensa e de mais vasta erudição é a do Dr. Carlos Henrique do Carmo Silva, Professor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, bem conhecido pelas suas investigações e produção filosófica, na área da Filosofia do Conhecimento, Filosofia da Religião e dos Símbolos, bem como da Experiência Espiritual e da Mística¹. Tem o título *Dalila e o seu Tempo da Saudade – Entre a narrativa do mito e a experiência mística*.

No início do artigo, depois de o endereçar como homenagem à «preclara visionária da Mátia lusa», aproveita o ensejo para homenagear também o P. Joaquim da Silva Teixeira, O.C.D., atual provincial da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços, enquanto estudioso da «mística ecuménica» de Dalila L. Pereira da Costa². E mais adiante, quando descreve a relação da experiência mística com o tempo da Saudade na obra de Dalila, observa em nota: «Vide o interessante estudo de Joaquim da Silva Teixeira, *Dalila Lello Pereira da Costa, uma mística ecuménica*, (excerto da Tese de Mestrado à Faculdade de Teologia do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa), in: *Revista de Espiritualidade*, VIII, n.º 30, Abril/Junho (2000), pp. 85-112», salientando sobretudo o diálogo da experiência espiritual de Dalila com as várias tradições religiosas e o universalismo português³.

À primeira vista, e dada a consabida mestria do Prof. Carlos do Carmo Silva nesta matéria, parece que não seria necessária outra apresentação do livro que nos trouxe aqui. Mas, de facto, não é assim. Primeiramente, porque a apresentação por ele feita invoca apenas o excerto de 27 páginas publicado na *Revista de Espiritualidade*, enquanto o seu autor publicou mais três excertos da mesma Tese e na mesma revista, nos anos 2000 e 2001⁴, sobre aspetos fundamentais da mesma experiência mística.

Por outro lado, os quatro excertos publicados somam apenas noventa páginas, enquanto o original policopiado donde foram extraídos conta duzentas e duas páginas, de formato maior.

Além disso, a hermenêutica da Obra de Dalila feita pelo Professor Carlos H. do C. Silva, no artigo referido da revista *Nova Águia*, bem como nas

¹ Carlos H. do C. Silva, *Dalila e o seu Tempo da Saudade – Entre a narrativa do mito e a experiência mística*, in "Nova Águia", Sintra: Zéfiro Edições, n.º 10 (1912) 71-87.

² *Ibidem*, p. 71, nota 1.

³ *Ibidem*, p. 84, nota 117.

⁴ Joaquim da Silva Teixeira, *A Experiência Mística no Itinerário Espiritual de Dalila Pereira da Costa*, in "Revista de Espiritualidade", Paço de Arcos, VII, n.º 31 (2000) 209-224.

Idem, *Fenomenologia da Experiência Mística em Dalila Pereira da Costa*, *Ibidem*, 33 (2001) 29-56;

Idem, *Conhecimento Místico em Dalila Pereira da Costa*, *Ibidem*, 35 (2001) 209-234.

recensões de alguns dos seus livros, desde o primeiro⁵, feitas respetivamente em 1978, 1979 e 1979, é estritamente filosófica, de nível antropológico, gnosiológico, linguístico e cultural, enquanto a Tese de Mestrado é filosófico-teológica, no quadro de referência da teologia espiritual cristã e católica. Nesta perspetiva, é mesmo um ensaio fenomenológico e hermenêutico inovador, o primeiro que abrange toda a obra da escritora portuense até aí publicada.

Por isso, tem sentido tentar a sua apresentação global, procurando desvendar os seus objetivos, a sua estrutura e dinâmica de desenvolvimento.

2. Os objetivos da dissertação

A dissertação, em vista da matéria escolhida, apresenta os ambiciosos e complementares objetivos seguintes:

«Abordar a obra no seu conjunto, com o intuito de fazer ressaltar a experiência mística nela presente; discernir, à luz dos estudos teóricos da mística, se estamos diante de uma experiência mística genuína, de que natureza e tipologia; enquadrar toda a obra no contexto das correntes espirituais portuguesas; identificar filões condutores do seu pensamento; resumir as ideias centrais no que concerne à experiência mística; revelar os aspetos em que Dalila apresenta perspetivas inovadoras; levantar novas perspetivas de abordagem para o futuro»⁶.

É um projeto a pedir metodologia adequada, incluindo duas vertentes: fenomenologia e hermenêutica. Isto para vencer as dificuldades previsíveis e elencadas pelo autor. Com efeito, a mística, como «ciência experimental de Deus», resiste a enquadramentos teóricos, racionalizantes, abstratos, lógico-matemáticos, necessariamente redutores, em razão da subjetividade, da singularidade concreta e prática e da trans-racionalidade misteriosa em que surge envolvida. A mística é pois um paradoxo, porque Deus não é objeto dos sentidos, nem de intuição intelectual, impossível num espírito encarnado, nem de verificação controlada, mas somente de vivência partilhada, enquanto Mistério que se dá a conhecer e se esconde na abertura da razão para o universal e infinito, na dinâmica da vontade livre que orienta o sujeito para a sua plenitude, para a entrega confiante do amor, Mistério que impõe a procura

⁵ Cf. art. cit., in "Nova Águia", VII, n.º 10 (2012) 71, notas 2, 3, 4.

⁶ Joaquim da Silva Teixeira, *A Experiência Mística na Obra de Dalila Pereira da Costa*, Maia: Cosmorama Edições, 2013, p. 20.

constante da sua presença, sempre fugidia, mas inelutável, a qual, na mística cristã, é dom gratuito e sobrenatural.

3. A génese da obra de Dalila

Exposta esta problemática introdutória, o discurso da Tese entra na primeira parte, de intenção fenomenológica, para descrever a experiência mística de Dalila, tal como se patenteia na sua extensa obra. Começa com uma breve resenha biográfica da autora, procurando situar nela e no seu itinerário espiritual a génese dessa mesma experiência.

A sua obra compreende 21 livros até então publicados (1999): livros de poesia – 3; de poesia e ensaio – 3; de ensaio apenas, os restantes – 15. Inclui também muitos artigos dispersos, sobre temáticas variadas. Embora licenciada em Ciências Histórico-filosóficas pela Universidade de Coimbra, em 1944, inicia tardiamente a publicação dos seus escritos: *Três Meditações sobre o Êxtase*, em francês, na revista *Esprit*, em novembro de 1970⁷, aos 52 anos, foi a primeira publicação (embora começasse a escrever mais cedo, em 1952), revelando desde logo uma vasta cultura e uma grande riqueza interior. Os seus amplos conhecimentos filosóficos e literários, aliados a uma fina sensibilidade poética e mística, permitem-lhe estabelecer pontes entre diferentes áreas do saber: poesia e filosofia, história e escatologia, filosofia e religião, mitos e lendas, símbolos religiosos e pátrios, tradições místicas, arqueologia e antropologia. Tudo ganha unidade desde a perspetiva mística, vivida em quadro de referência e horizonte cristão, conferindo ao seu estilo inconfundível um carácter de vivência e sabedoria que o torna singular, mas também de difícil compreensão.

A génese desta obra encontra-se em dois momentos extáticos, um na adolescência e outro na juventude e precedidos ou seguidos de muitos estados contemplativos. No livro *Os Instantes nas Estações da Vida*, publicado em 2000, depois da elaboração desta Tese, refere três momentos extáticos: um em 1938, na juventude, na cidade de Coimbra; outro no Porto, em 1947; e o terceiro em Charleroi, em 1968. Dos dois primeiros resultou uma longa e esforçada meditação interpretativa, servindo-se de todos os meios que lhe proporcionava a sua cultura. Do terceiro resultou a ordem imperiosa de transmitir o dom recebido, como testemunho e serviço, a missão de escritora dada e recebida de Cristo, em Pessoa viva⁸.

⁷ Cf. Dalila L. Pereira da Costa, *A Força do Mundo*, Porto: Lello e Irmão Editores, 1972, p. 7.

⁸ Idem, *Os Instantes*, Porto: UCP – Lello Editores, 2000, pp. 28-44.

4. Fenomenologia da experiência mística

A dissertação, depois da gênese da obra, entra propriamente no levantamento da fenomenologia da experiência mística nela contida, relevando os seus elementos essenciais e confrontando-os com a teoria mística em geral, tal como a formulam os especialistas mais recentes e autorizados.

No sentido mais lato, a experiência mística é um encontro pessoal, direto, íntimo e profundo com Deus, normalmente acompanhado por fenómenos psicossomáticos extraordinários, como suspensões, levitações, locuções interiores, visões imaginárias, geralmente integrando os chamados êxtases. Remete sempre, em última instância, para o domínio do misterioso e inefável, tendo o silêncio e a contemplação como último estado. Experiência mística e fenómenos místicos não se confundem. Os êxtases não são sinónimo imediato de experiência e vida mística. Mas são um tema incontornável que sempre aparece nos grandes místicos e encontramos na obra de Dalila.

Os elementos essenciais que definem a experiência mística são: a rutura da consciência ordinária; a experiência do núcleo da realidade; a presença de algo absolutamente novo, imediato, gratuito, subjacente; a experiência do paradoxo e inefável.

Segue-se a prova de todos estes elementos essenciais nas obras de Dalila, com abundantes citações, que ocupam 36 páginas, para concluir que se trata de uma verdadeira experiência mística, segundo os critérios que os teóricos mais avalizados comumente enunciam.

5. Hermenêutica da experiência mística de Dalila: o pressuposto gnosiológico

A segunda parte da dissertação ocupa-se da hermenêutica da experiência mística descrita na obra de Dalila, que se desdobra em dois momentos: primeiro, atendendo à hermenêutica que ela faz das diferentes místicas e correntes espirituais que estuda; segundo, apresentando a hermenêutica e tipificação da experiência mística de Dalila, tal como ela aparece na sua obra.

Assim, no primeiro momento, aparecem os seus núcleos estruturantes ou pressupostos teóricos nela presentes, a vários níveis: gnosiológico, ontológico, antropológico, soteriológico e escatológico.

No plano gnosiológico, verifica-se que a ensaísta portuense se situa criticamente, em reação ao positivismo, racionalismo, utilitarismo e cientismo materialista dos séculos XIX e XX, pautando-se pelos valores do espírito, da alma, da intuição, do conhecimento vivencial, relevando o primado do coração,

do amor, do afeto sobre o intelecto, da imaginação sobre a inteligência, do coração sobre a razão, do mito sobre a explicação causal. Não desconhece os protagonistas da corrente intelectualista e da corrente afetiva, em cada fase da história do pensamento, e releva os aspetos polémicos entre os mesmos, assumindo posição claramente a favor dos segundos.

Por conseguinte, o pressuposto gnosiológico da sua experiência mística é um tipo de conhecimento em que as vias poética e contemplativa são privilegiadas, como ponto de acesso e contacto com a realidade, e a sua expressão é feita, não pela linguagem conceptual, lógico-matemática, mas pela linguagem imaginativa e simbólica, como que por contágio amoroso e afetivo.

No processo gnosiológico distingue três momentos: a apreensão de um conhecimento, a formulação desse conhecimento e o da sua transmissão. Dalila vive este desdobramento rítmico ao longo de toda a sua vida, como quem descobre um tesouro e passa a descobrir e a contemplar nele o eternamente novo.

A apreensão, em que tudo é dado e recebido passivamente, acontece pela via extática, pela via poética, pela via da imaginação e pela via musical.

Estas vias, porém, não são antirracionais, como foi julgado pelo positivismo e pelo racionalismo, esquecendo-as e desprezando-as. Mas, sim, suprarracionais, devendo ser integradas na síntese superior de razão e mística, perfazendo um conhecimento superior, holístico, globalizante, guiando o sujeito para uma plenitude nunca atingida e sempre em progressão concreta, existencial.

No segundo momento, o da reflexão, este conhecimento amoroso é meditado em ordem a desvendar o mistério da Realidade, do Ser, de conteúdo sempre presente e distante, para noutro momento ou momentos ser transmitido.

Vemos estes momentos claramente demarcados ao longo da vida espiritual de Dalila. A fase de meditação foi a mais demorada, depois da apreensão ou dom dos êxtases, na qual menos fala, remetendo sempre para o não dito, porque inefável. É fonte de gozo e de júbilo e favorece, pelo amor, um conhecimento integral de si mesmo, das coisas e de Deus, levando a reconhecer a necessidade de descodificar o vivido e inefável e a recorrer aos diferentes níveis de linguagem, quando chegar o momento de comunicar.

Quando chega esse momento, a ordem imperiosa de o fazer, Dalila, como todos os místicos, esbarra com o muro limitante da linguagem lógico-racional. Mas não desiste, lutando por encontrar a palavra transmissora mais adequada. Daí que se assuma como mediadora, um instrumento apenas para convocar e provocar o leitor a ingressar também na vida mística, abrindo-se à dinâmica do testemunho do dom que vem do Alto e da meditação que se lhe segue, da transmissão de um conhecimento transpessoal, que também ele pode receber, se mantiver a expectativa, a abertura necessária e purificadora.

A comunicação processa-se mais pela veracidade do testemunho do místico do que pela racionalidade do conteúdo que ele não consegue transmitir, uma vez que é excedente, transcendente a toda a medida humana comum.

Para Dalila, esta gnosiologia é a teoria do conhecimento do futuro, que pela via mística, incluirá a Revelação, integrando todas as dimensões do ser humano e, sendo conhecimento feito no amor, leva à posse do mundo inteiro, isto é, nas suas duas faces: a daqui, aparente, e a espiritual, a autêntica, do Além eterno. Diz expressamente: «O conhecimento do futuro será o da Revelação»⁹, incluindo as vias poética, profética e mística, incluindo a Razão e a Fé, em relação dialética ascensional de abertura e complementaridade mútua, ao serviço da plenitude do Homem, orientando-o, pelo conhecimento do Ser, pela práxis do amor e pela contemplação do belo, para a Verdade, para o Bem e para o Belo absolutos, que se identificam em Deus uno e trino.

6. O pressuposto ontológico

O pressuposto ontológico da experiência mística coloca-nos na busca da realidade que é dada, com a qual os fenómenos nos põem em contacto. Estes permitem visionar o Ser, o fundamento último de todas as coisas, fundamento e origem. Dalila fala ainda duma presença envolvente do divino; tem a certeza de que o Transcendente, o absolutamente outro vem ao encontro do ser humano, que perante Ele se coloca em perfeita abertura e recetividade, e desvenda-lhe novos mistérios, ou dá-lhe a experiência do que já sabia pelo intelecto. Esta presença envolvente, ao início, é difusa e vaga; é *força* doce e terrível, potência, essência, energia, graça, força que nas suas aparições se dá e foge; *núcleo do Ser*, onde habita uma luz deslumbrante e incandescente; *centro* ardente, intocável e irreduzível, mas infinitamente aproximável, que ofusca todas as imagens, formas e cores; é Deus criando-se em nós, numa Verdade sempre futura, fonte de Vida, jorrando sem cessar.

Da presença misteriosa e subjacente resulta que o espaço e o tempo assumem uma nova configuração: o tempo não passa, não é linear, mas esférico como o espaço, sem passado nem futuro, mas uno; tudo se apreende simultaneamente; não há sucessão de acontecimentos.

A ontologia de Dalila, não é organizada, formal, uma metafísica; revela-se débil, pois não tem por objetivo especular sobre os fundamentos últimos do Ser, das coisas, do mundo e do Homem. Não assume a função doutrinária

⁹ Idem, *A Força do Mundo*, Porto: Lello e Irmãos, 1972, p. 84. Cf. Joaquim da Silva Teixeira, o. cit., p. 120.

ou dogmática. Mas não pode deixar de ter referências filosóficas e religiosas, como acontece em todos os grandes místicos. Como experimentalista do sagrado, hermeneuta das suas manifestações, vive para a missão de relevar os símbolos e sinais, internos e externos, onde irrompe o Mistério.

7. O pressuposto antropológico e soteriológico

A dimensão ou pressuposto antropológico tem especial importância no conjunto da obra de Dalila. Parte de uma concepção do Homem aberto à graça, ao supraterebre, ao sobrenatural; o Homem é o ser que procura o divino. A gnosiologia de Dalila conduz a uma nova ontologia e uma nova antropologia: um homem novo, com uma nova identidade. Pode definir-se como um humanismo integral, no qual se há de recuperar o todo das dimensões psíquicas e espirituais, descuidadas e esquecidas pelos movimentos positivistas, racionalistas, que grassam ainda no presente. O homem não é natureza pura, mas tocado pela graça. A partir do homem fragmentado do presente e sob a ação da experiência mística, dar-se-á o advento do homem integral.

Mas, para isso, é preciso que ele aceite o dom de Deus, a salvação que lhe é oferecida, para reconciliação com Ele, que atingiu o ponto culminante em Jesus Cristo. À liberalidade de Deus, o homem é chamado a corresponder com a liberdade, para atualizar a redenção de Cristo, a iniciativa salvadora que Lhe pertence em cada momento da história, transformando-a em história da salvação.

A soteriologia de Dalila afasta-se da salvação defendida por algumas correntes filosóficas, meramente intra-históricas, imanentes ao homem (Feuerbach, Hegel, Heidegger, Marx), da salvação cósmica das religiões mesopotâmicas, da salvação como libertação do tempo cíclico das religiões asiáticas, afirmando-se como participação na vida divina, oferecida por Cristo, com carácter total e integral, como consequência e continuação do projeto criador de Deus.

8. O pressuposto escatológico e o messianismo português

Tem esta salvação uma componente, não apenas individual, mas coletiva, não apenas histórica, mas escatológica. Não é apenas do passado. O Deus Salvador é também Deus do futuro e levará a obra começada à sua plenitude; o fim escatológico para o qual tende o ideal de perfeição, ou seja, a salvação em plenitude é a comunhão com Deus na vida eterna.

Para Dalila, também os povos e as pátrias têm uma escatologia, que ela interpreta, no quadro de referência cristão. É o caso de Portugal, amplamente estudado em seus arquétipos, símbolos e mitos.

Com apoio nos místicos portugueses do século XVI e nos poetas místicos contemporâneos, defende que a espiritualidade portuguesa se caracteriza por uma permanente procura dum valor salvífico, como se exemplifica na Demanda do Santo Graal, no sebastianismo messiânico, no anúncio do V Império, na era do Espírito Santo, na projecção e busca de um Paraíso, que foi assumindo diferentes contornos, sem quebrar o filão místico.

Na sua palavra: «à profecia, saudade, messianismo, e as suas formas escatológicas, a mística se apresentará entre os portugueses como técnica de salvação, expectante e futurante, a fazer-se nos séculos, e assumindo posterior e final forma ecuménica, tendo sua consumação no advento do Quinto Império – quando se der essa união última do homem português com Deus, alargada a toda a humanidade da terra, como divinização universal. Assim, o Quinto Império trará em si, no seu carácter messiânico e profético, um forte acento místico: como arte de união com Deus»¹⁰.

9. Mística ecuménica, da unidade de Deus na Trindade

Aqui na mística portuguesa, como na mística de Dalila, se unem as componentes salvífica, escatológica e ecuménica, fazendo dela uma mística naturalista, cósmica, religiosa e cristã. As duas últimas dimensões – cristã e ecuménica, enquanto integradas na tipologia da mística de Dalila, são o objeto do segundo capítulo da segunda parte da dissertação, caracterizada primariamente como mística da Unidade de Deus na Trindade e, secundariamente, Mística da Trindade de Deus na Unidade; e finalmente, como mística ecuménica.

Depois de referir o quadro teórico desta distinção tipológica, o autor faz o confronto da mística de Dalila com ele, apoiado em numerosas citações, e conclui que a mística de Dalila contextualiza-se melhor na mística da Unidade de Deus, apesar de encontrarmos na sua obra dados e referências que a aproximariam da mística trinitária¹¹.

Está aqui, a meu ver a razão fundamental e implícita da segunda característica marcante da mística de Dalila – a ecuménica. Na sua fenomenologia, como na sua hermenêutica, há uma progressão ascensional do nível cósmico,

¹⁰ Idem, *Místicos Portugueses do Século XVI*, Porto: Lello e Irmão Editores, 1986, p. 69. Cf. Joaquim da Silva Teixeira, o. cit., p. 230.

¹¹ Joaquim da Silva Teixeira, o. cit., p. 199.

naturalista, metafísico, para o nível antropológico da vida, da liberdade e do amor; finalmente, para o nível teológico cristão da Trindade das Pessoas divinas na Unidade de Deus, reveladas na História da salvação.

Esta progressão corresponde à evolução natural do pensamento humano, quer individual e coletivo, quer evolutivo e temporal na história universal e na história da revelação e da salvação.

Daí que Dalila tenha tido fases de predomínio da mística da Unidade de Deus e apareça mais esbatida, ou menos explícita, a mística da Trindade. Até porventura, por ter a preocupação de melhor compreender e dialogar com os místicos das religiões monoteístas, com as tradições místicas orientais, com o mundo da ciência e com o ateísmo, encontrando neles valores humanos e religiosos que são ponto comum à religião cristã e católica. Daí que nela se encontrem marcas da mística da ausência de Deus, exigindo purgação e ascese para ir ao Seu encontro, e a esperança da refontalização do Cristianismo e das outras religiões, regressando às suas origens, ao seu coração e essencialidade, para restituírem à história humana o sentido transcendente que a salve e reintegre no plano do Criador.

Neste sentido, reserva aos portugueses um papel particular, um destino ecumênico, vendo Portugal como fronteira, traço de união entre Ocidente e Oriente, o segundo depois da Grécia, num outro plano do ciclo da espiral do tempo. Daí que ponha o Cristianismo a dialogar com as correntes espirituais e culturais lusas e asiáticas, nomeadamente com o esoterismo cristão português, de forma a desocultar neles dimensões esquecidas ou reprimidas.

A dissertação reconhece também os riscos desta posição ecumênica. Com efeito, não está isenta de um certo sincretismo religioso e relativismo doutrinário, pois não procede ao distanciamento necessário e à clara definição da especificidade da cada mística envolvida na tradição portuguesa, mas deixando-se conduzir mais pela emoção e pelo projeto de futuro para a portugalidade e para a universalidade humana. Apesar disso, o seu testemunho é de grande significado e atualidade. Vem lembrar ao Cristianismo e às demais religiões e espiritualidades que a hora é de diálogo, de colocar em comum o que é específico e distintivo de cada experiência mística, para que os povos encontrem uma saída para o desnorte em que muitos se encontram e se fortaleçam na esperança.

E aqui, para ela, o Cristianismo é uma religião-fronteira, uma religião-limite; está na linha divisória entre a Fé e o ateísmo, aí onde tudo deve ser procurado, onde o conhecimento e o amor se realizarão; por isso, onde se dará um diálogo privilegiado com outros sistemas religiosos e culturais; até pela posição geográfica e civilizacional que ocupa no orbe da terra, como pelo dinamismo do amor que lhe é subjacente e constitui a sua matriz e peculiaridade.

O Cristianismo foi suscitado no mundo e na história para prestar um serviço de orientação dos homens e dos povos para a “Fonte inesgotável da Vida”. Por isto, Dalila não aceita uma das normas mais marcantes do puro esoterismo, segundo a qual todas as religiões são iguais e possuem o mesmo valor. Defende antes o regresso de cada uma às suas origens, ou seja, à experiência que deu origem a cada uma, e o desenvolvimento do ecumenismo cristão no seio da Igreja Católica.

Muito fica por dizer. Mas julgo que isto é suficiente, para justamente felicitar o autor e a editora desta obra inovadora e exemplar e prestar a homenagem devida à Mística portuense e portuguesa.